

Chinaredo, chinas e chinocas no conto “Divertidos”, de Roque Callage: uma análise histórico-enunciativa

Chinaredo, chinas y chinocas en el cuento “Divertidos”, de Roque Callage: un análisis histórico-enunciativo

Felipe Rodrigues Echevarria

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

felipe230285@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4076-7404>

RESUMO

O presente artigo apresenta uma análise histórico-enunciativa sobre as palavras *chinaredo*, *chinas* e *chinocas* e a relação que essas palavras estabelecem com outras no conto “Divertidos”, extraído da obra *Terra Gaúcha* (2000 [1914]) escrita por Roque Callage. Na realização desse gesto analítico, mobilizo pressupostos teórico-metodológicos da História das Ideias Linguísticas (HIL) e o conceito de *reescritura* proposto por Guimarães (2009, 2018), a fim de compreender como *chinaredo*, *chinas* e *chinocas* são reescritas por meio de outras palavras. A partir dessa análise, estabeleço um diálogo entre Linguística, História e Estudos de gênero, considerando o modo como as relações entre esses três campos do saber se significam nas definições de palavras.

Palavras-chave: Estudos de gênero; História das Ideias Linguísticas; Regionalismo; Roque Callage.

RESUMEN

El presente artículo presenta un análisis histórico-enunciativo sobre las palabras *chinaredo*, *chinas* y *chinocas* y la relación que esas palabras establecen con otras en el cuento “Divertidos”, extraído de la obra *Terra Gaúcha* (2000 [1914]), escrita por Roque Callage. En la realización de ese gesto analítico, movilizo presupuestos teórico-metodológicos de la Historia de las Ideas Lingüísticas (HIL) y del concepto de *reescritura* propuesto por Guimarães (2009, 2018), a fin de comprender cómo *chinaredo*, *chinas* y *chinocas* son reescritas por medio de otras palabras. A partir de ese análisis, establezco un diálogo entre Lingüística, Historia y Estudios de género, considerando el modo como las relaciones entre esos tres campos del saber se significan en las definiciones de las palabras.

Palabras-clave: Estudios de género; Historia de las Ideas Lingüísticas; Regionalismo; Roque Callage.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Palavras que nomeiam sujeitos estabelecem uma relação direta com a História. Quando um sujeito recebe um nome, ele passa a significar de forma única na sociedade em que vive. Alguns nomes, como *china*, podem significar de forma depreciativa, seja em canções, na Literatura e/ou em instrumentos linguísticos como vocabulários e dicionários. Nessa perspectiva, o presente artigo propõe uma análise histórico-enunciativa das palavras *chinaredo*, *chinas* e *chinocas* e do modo como elas funcionam no conto “Divertidos”, que consta na obra literária *Terra gaúcha*, publicada pela primeira vez em 1914 pelo autor santa-mariense Roque Callage. Os significados dessas palavras foram consultados em *Vocabulário gaúcho*¹, lançado originalmente em 1926 pelo mesmo autor.

A escolha das duas obras analisadas neste trabalho se deve à minha familiaridade com as produções de Callage. *Vocabulário gaúcho* foi objeto de estudo de minha dissertação de mestrado, intitulada *Designações de sujeitos na obra Vocabulário Gaúcho de Roque Callage* (2016)². Nessa direção, em um primeiro momento do artigo, apresento alguns breves apontamentos sobre a vida e a obra do autor, com ênfase nas publicações já mencionadas.

Na sequência, faço uma síntese do conto “Divertidos”, a fim de refletir sobre as estruturas hierárquicas presentes nessa produção literária. Objetivo compreender o modo como personagens homens e mulheres interagem e a hierarquia social estabelecida entre eles nesse conto. Nessas relações de poder, as *chinas* e *chinocas* aparecem como mulheres sem pudor, submetidas aos desejos dos sujeitos homens.

Em seguida, discuto os elementos que compõem a *identidade gaúcha*, tais como a linguagem, a literatura, a música, dentre outras produções culturais e artísticas. O *gaúcho* como tipo social é resultado de uma construção social e histórica ao longo de séculos, desde a colonização do Rio Grande do Sul até o presente. Mais especificamente, a linguagem como elemento de identidade do sujeito gaúcho tem sido registrada em

¹ Optei por manter as ortografias originais.

² Disponível em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/12312/DIS_PPGLETRAS_2016_ECHEVARRIA_FELIPE.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 11 fev. 2023.

produções literárias e em instrumentos linguísticos. Vale ressaltar que muitas manifestações culturais, artísticas e linguísticas ganharam força no século XIX e fizeram o resgate de um passado glorioso, bem como buscaram a manutenção de uma identidade gaúcha baseada em valores como coragem e bravura, silenciando os efeitos de sentido depreciativos aos quais a palavra *gaúcho* era associada no passado (Petri, 2008; Sturza, 2006).

Os estudos propostos pela História das Ideias Linguísticas (HIL) – doravante identificada apenas pela sigla HIL – configuram a quarta seção do presente trabalho, visto que, sob os pressupostos teóricos desse campo, o vocabulário escrito por Callage é considerado um instrumento linguístico de cunho regionalista, no qual é possível constatar e analisar como questões sociais, históricas e culturais se significam na definição de verbetes. Nos verbetes de dicionários, sejam eles nacionais ou regionalistas, é possível analisar o modo como a sociedade rotula e hierarquiza os sujeitos. Por meio das definições, posso investigar qual a posição hierárquica de um determinado sujeito em uma determinada esfera social. Esse gesto proporciona àqueles que analisam cientificamente instrumentos linguísticos uma série de estudos que se articulam à Linguística, à História, às Ciências Sociais e aos Estudos de gênero.

O procedimento de análise que desenvolvo neste trabalho é norteado pelo conceito de *reescrituração* proposto por Guimarães (2009, 2018), a fim de refletir sobre a relação semântica estabelecida pelas palavras *chinaredo*, *quinas* e *chinocas* com outras palavras no conto. Nesse processo, uma palavra reescritura a outra.

Amparado teoricamente pelos pressupostos da HIL, concebo *Terra gaúcha* como uma materialidade literária e *Vocabulário gaúcho* como uma materialidade linguística. Em ambas as materialidades, observo o modo como as palavras *chinaredo*, *quinas* e *chinocas* estão atravessadas pela História e, mais especificamente, pela história das mulheres indígenas, que, por séculos, foram associadas à prostituição, tanto em âmbito nacional quanto regional, conforme discutirei no gesto de análise. Os estudos enunciativos baseados nas teorias de Benveniste (2005, 2006) me permitem analisar o modo como o ato de enunciar configura um gesto de estigmatizar sujeitos *na* e *pela* linguagem.

ROQUE CALLAGE: VIDA E OBRA DO AUTOR

Roque Callage é um autor santa-mariense nascido no ano de 1886. De acordo com Marchiori (2000), Callage viveu de forma humilde junto à sua família durante sua infância na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Passou a trabalhar no comércio aos 14 anos e, nos momentos de folga, praticava o hábito da leitura. Posteriormente, atuou na redação de jornais e escreveu livros de temática regionalista: “Roque Callage entregou-se vivamente ao estudo das coisas do Rio Grande do Sul – sua história, suas tradições, suas lendas, usos e costumes” (Marchiori, 2000, p. 12). O autor não ingressou em nenhum curso superior, de maneira que sua busca por conhecimento e o gosto pela Literatura ocorreram de forma autodidata (Perin, 2019).

A produção intelectual de Callage, conforme Murari (2009), transita entre o rural – expressão da tradição –, e o urbano – expressão da modernidade. A obra *Terra gaúcha* reúne contos e faz parte das produções literárias de Callage. Nela, o autor não exerceu a função de cronista urbano, como o fez na coluna “A cidade”, que era publicada no jornal *Diário de Notícias*. Em *Terra gaúcha*, Callage priorizou

[...] o tradicional e decadente universo social da Campanha gaúcha. Espaço simbólico da fixação da identidade social sul-rio-grandense, a Campanha foi a terra de origem dos principais emblemas da cultura gauchesca, do tipo humano e dos elementos de sua vida material às paisagens típicas e narrativas exemplares que, ainda hoje, constituem o acervo dos movimentos tradicionalistas devotados ao culto das origens regionais (Murari, 2009, p. 132).

Ainda para a autora, nessa obra, a campanha é um elemento significativo, funcionando não somente como paisagem, mas também como um símbolo do Rio Grande do Sul. *Terra gaúcha* é uma coletânea de contos na qual há “uma narrativa literária de fundo histórico” (Murari, 2009, p. 134), bem como menções à Revolução Farroupilha e a outros elementos culturais e históricos referentes ao estado.

Já *Vocabulário gaúcho* é um instrumento linguístico produzido por Callage no qual constam verbetes característicos da linguagem gauchesca. Conforme explicado na introdução, esse vocabulário foi tema de minha dissertação de mestrado e, devido à riqueza linguística que registra, segue me proporcionando estudos e reflexões acerca do modo de falar dos gaúchos. Nele, o leitor encontra uma grande quantidade de palavras e de expressões características do linguajar gauchesco. Echevarria (2016), ao analisar o

referido vocabulário, concluí que

As observações feitas por Callage pelas fazendas e charqueadas do Rio Grande do Sul deram origem a *Vocabulário Gaúcho*, obra que acreditamos ter uma relação direta com a História do Rio Grande do Sul, na medida em que as designações trazidas pelos verbetes trazem definições que têm determinados papéis e funções nesse ambiente rural descrito por Callage (Echevarria, 2016, p. 105).

Em minha dissertação, propus um recorte de verbetes que designavam sujeitos, tais como *china*, *guri*, *gaúcho*, *morocha*, dentre outros, o que totalizou uma recolha de 132 verbetes. No gesto de selecionar e de analisar esses verbetes, constatei que a maioria deles está no masculino, definindo os homens gaúchos e a posição que eles ocupam na sociedade sul-rio-grandense. As definições do verbete *gaúcho*, por exemplo, dão ênfase a características como a bravura e a coragem. Em relação às mulheres, constam apenas 15 verbetes, caso de *china* e *chinoca*, cujas definições serão apresentadas no gesto de análise. Como resultado da seleção e da análise dos verbetes, foi possível observar que os verbetes referentes às mulheres continham sentidos depreciativos.

A maneira como foram registrados os verbetes que definem os homens e os que definem as mulheres é significativa para compreender quais eram as noções de gênero que a sociedade gaúcha apresentava no início do século XX, levando em conta que o vocabulário escrito por Callage foi lançado no final da segunda década desse século.

SÍNTESE DO CONTO “DIVERTIDOS”: APONTAMENTOS E ARTICULAÇÕES

De *Terra gaúcha*, seleciono o conto “Divertidos”, *corpus* principal de nosso trabalho. Nesse conto, a personagem Tia Chica é descrita como uma “velhusca paraguaia, repimpona³ e viúva” (Callage, 2000 [1914], p. 53). Depois de economizar algum dinheiro, Tia Chica montou a sua “venda”, a qual era frequentada por peões que viviam nas redondezas. Uma vez reunida a “peonada”, o ambiente se tornava suscetível a brigas e discussões. Em algumas delas, certos peões usavam o facão, utensílio que faz parte da

³ *Pimpona*, segundo o *Dicionário Aulete*, é o feminino de *pimpão*, que significa *vaidoso*, *gabola*, *fanfarrão*. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/pimp%C3%A3o>. Acesso em: 11 fev. 2024. Callage, ao inserir o prefixo *re-* na palavra *pimpona*, possivelmente o faz por influência da língua espanhola, na qual *re-* funciona como prefixo que dá a ideia de *muito* ou de *ênfase/intensificação*.

indumentária gaúcha. Conforme Brum (2010), o facão representa a pré-disposição do sujeito gaúcho para a guerra. Nessa perspectiva, para Nolasco (1993), os homens são educados sob a lógica da guerra, de modo que estão sempre em estado de alerta, prontos para a defesa ou para o ataque. Demonstrar qualquer vulnerabilidade perante o inimigo é considerado um sinal de fraqueza.

Outro aspecto relacionado aos desentendimentos entre os peões frequentadores da venda da Tia Chica é a questão da *violência*. De acordo com Trevisan (1998), a prática da violência está diretamente ligada à construção social do que é ser homem. Nessa direção, os peões não devem temer o envolvimento em “peleias”, pois correm o risco de serem vistos como homens menos viris. Ao contrário: não estão autorizados a demonstrar medo e devem defender a sua honra a qualquer custo.

Enquanto alguns peões chegavam a pé na venda, outros chegavam a cavalo. Segundo Oliven (1996, p. 18), a presença do cavalo faz parte da construção social da identidade do sujeito gaúcho, junto a outros elementos, tais como “a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc.”. O autor aponta, ainda, o modo como a representação sobre o gaúcho foi reforçada por meio de relatos de viajantes estrangeiros que passavam pelo Rio Grande do Sul, a exemplo do botânico francês Auguste de Saint-Hilaire. Já na literatura, em 1870, José de Alencar, mesmo sem ter conhecido o estado e sendo nascido no Ceará, em seu livro *O gaúcho*, idealizou o tipo social sul-rio-grandense como *centauro dos pampas*.

Aos sábados, eram comuns os bailes na venda da Tia Chica, nos quais, além dos peões, estava presente o *chinaredo*, ou seja, um grupo de *chinãs*. É pertinente apontar algumas questões sobre essas mulheres nomeadas *chinãs*, para, depois, no gesto de análise, trazer as definições de *chinaredo*, *chinãs* e *chinocas*. De acordo com Brum (2010), *chinãs* eram as mulheres que se envolviam com gaúchos errantes durante o período de colonização do Rio Grande do Sul. Servir a esses homens e com eles ter relações efêmeras eram táticas de sobrevivência adotadas por elas. Após o término dessas relações, eram abandonadas pelos gaúchos.

No conto, as *chinãs* parecem exercer um papel de amantes passageiras dos peões, com os quais dançavam de forma sensualizada ao som de gaitas e de violões. As fitas que adornavam suas blusas eram de “cores vivas e berrantes” (Callage, 2000 [1914], p. 55).

As *chinas* representavam o oposto das *prendas*. Estas, diferentemente das *chinas*, simbolizavam o decoro e o recato das mulheres gaúchas, na condição de esposas e/ou de filhas. Tais qualidades estavam presentes nas vestimentas das *prendas*, cujos vestidos, sem decotes e com muita discrição, marcavam a diferença entre elas e as *chinas* (Brum, 2010).

É possível constatar que, no conto, os atos violentos não ocorrem apenas entre os peões: em uma determinada passagem, a personagem Antonia é agarrada pelo braço por Zeferino, após ele se ofender por ela tê-lo recusado. O homem chama Antonia de “china reiúna, que dormia com os baianos na cidade” (Callage, 2000 [1914], p. 58). Ela, por sua vez, defende-se do ataque físico e verbal efetuado por Zeferino dando-lhe um tapa no rosto. Na sequência, é aplaudida por suas companheiras que também haviam sido importunadas pelo mesmo homem. Para Connel (2016, p. 31), a violência de gênero tem um papel significativo na formação das sociedades coloniais e pós-coloniais, nas quais a “brutalidade era algo constituinte”, o que levava muitos homens a cometerem atos de violência e/ou de estupro contra as mulheres.

No que tange à linguagem que predomina no conto, além do emprego de *chinas* e de *chinocas*, é recorrente o uso de palavras e de expressões em língua espanhola, tais como “arreglos” (Callage, 2000 [1914], p. 53) e “guapa” (Callage, 2000 [1914], p. 54). A esse propósito, o próprio Callage (1928 [1926]) observa que a linguagem gauchesca tem influências do espanhol platino, do português açoriano e do aborígene. Entretanto, conforme o escritor, a influência hispano-platina tem um maior impacto na linguagem gauchesca devido às fronteiras com a Argentina e com o Uruguai. Tamanho é esse impacto que “60% dos vocábulos rio-grandenses são de origem hispano-platina ou puramente platinos” (Callage, 1928 [1926], p. 6-7). Nessa perspectiva, entendo a linguagem como um elemento primordial na construção da identidade de um sujeito, pois por meio dela reforça-se o sentimento de pertencimento a um determinado lugar/região/país. Posteriormente, aprofundarei a questão da importância da linguagem na constituição da identidade do sujeito gaúcho.

Em suma, destaco três pontos importantes do conto: a) posições hierárquicas entre os peões e as *chinas*; b) a atuação dos homens gaúchos de forma viril e destemida, estabelecendo relações sem vínculos afetivos com as *chinas* e envolvendo-se em agressões físicas para demonstrarem virilidade; c) o uso de palavras de língua espanhola

e de outras expressões características do linguajar gauchesco, o que reforça a importância da linguagem como elemento de identidade do sujeito gaúcho.

Terra gaúcha é, então, uma obra na qual se encontra a idealização de um sujeito gaúcho guerreiro e valente. No conto “Divertidos”, o protagonismo é essencialmente masculino, ao passo que as mulheres, quando aparecem, desempenham apenas papéis coadjuvantes. O ambiente telúrico, juntamente com palavras, expressões e dizeres que constituem a *linguagem gauchesca*, configura um gesto de apego ao passado; passado esse afastado de modernidades e de elementos que possam, de alguma forma, anular ou modificar a imagem de “gaúcho herói”. Essa imagem encontra um modo de manutenção na literatura e em outras esferas, tais como publicidade, música, festivais etc., conforme a discussão a seguir.

LINGUAGEM, LITERATURA E OUTROS ELEMENTOS QUE COMPÕEM A IDENTIDADE GAÚCHA

O que faz um gaúcho ser gaúcho? Muitas são as respostas possíveis e inúmeras são as respostas já apresentadas para explicar a nossa “diferença” em relação aos demais brasileiros.
(Silva, 2008, p. 11).

A citação em epígrafe introduz a discussão sobre o gaúcho enquanto tipo social e regional que surgiu no Rio Grande do Sul, estado situado no extremo sul do Brasil. O estado, com suas características geográficas, sociais e históricas peculiares, já foi um espaço de guerras e de batalhas, no qual esse sujeito nomeado *gaúcho* formou sua identidade, que o distingue de outras identidades nacionais. A esse respeito, Oliven (1995) afirma que

Quando se pretende comparar o Rio Grande do Sul ao resto do País, apontando diferenças e construindo uma identidade social, é quase inevitável que este processo lance mão do passado rural do estado e da figura do gaúcho, por serem estes os elementos emblemáticos que permitem ser utilizados como sinais distintivos (Oliven, 1995, p. 80).

Por *identidade* compreendo, de acordo com Leenhardt (2002), uma construção simbólica marcada pela diferença. Nessa direção, segundo Maciel (2002),

[a] identidade como construção social baseada em diferenças relaciona-se com as representações sociais e com o imaginário. Mas a criação de uma identidade, implicando uma demarcação de territórios, envolve um sentimento em particular: o pertencimento (Maciel, 2002, p. 192).

Sendo o estado alvo de disputas entre Portugal e Espanha, os gaúchos sentiram a necessidade de buscar a própria “identidade, em meio a um contexto macropolítico e geográfico adverso” (Hohlfedlt, 2008, p. 101). A partir do século XIX, criou-se, segundo Gutfreind (1995, p. 149), a “figura mitologizada do gaúcho” ou a “imagem de um gaúcho idealizado”. Essa imagem foi reforçada pela literatura e, conforme a autora, ao gaúcho são associados valores como liberdade e coragem. A relação com o campo, com o cavalo e com a natureza também faz parte dessa construção social acerca do sujeito gaúcho. É importante ressaltar que tal construção não engendra somente o gaúcho habitante do extremo sul do Brasil, visto que o gaúcho é um “tipo característico nacional na Argentina e [no] Uruguai” (Brum, 2010, p. 68).

A palavra *gaúcho* passou a nomear o sujeito nascido no Rio Grande do Sul e, ao longo de séculos, percorreu uma trajetória semântica, como explica Teixeira (1988):

O termo gaúcho, de origem imprecisa, teve uma trajetória semântica notável. De início significava contrabandista, vagabundo, antigrágario, incivilizado, antissocial, e se referia a numerosos indivíduos que circulavam pelas áreas de criação nas regiões limítrofes da Argentina, Uruguai e Brasil. Depois passou a designar o tipo social símbolo daqueles países, bem como do Rio Grande do Sul, inclusive nominando seu gentílico [...] Hoje, no contexto rio-grandense, o termo gaúcho passou a significar altivez, orgulho, dignidade, bravura, honradez, desassombro, lealdade, simplicidade, autenticidade (Teixeira, 1988, p. 53).

Vários são os elementos que constituem e efetuam a manutenção da identidade gaúcha. Dentre tais elementos, figuram a literatura, a música, a indumentária, a culinária e a linguagem, conforme discutido anteriormente. Sujeitos que habitam uma determinada região enunciam entre si e colocam uma linguagem regional em funcionamento, de modo que há um entendimento entre eles e, assim, passam a produzir efeitos de sentido.

Para referir-se ao modo de falar dos habitantes do Rio Grande do Sul, Laytano (1981, p. 21; p. 61; p. 50, respectivamente) utiliza algumas expressões, tais como “falar do gaúcho brasileiro”, “linguagem gaúcha”, “português falado no Rio Grande”, dentre outras. Conforme o autor, o sujeito gaúcho, ao transitar pela Argentina e pelo Uruguai, trouxe desses países uma série de palavras e expressões que foram incorporadas ao seu

vocabulário. Laytano (1981) coaduna-se com Callage quanto às influências do português de Portugal, do espanhol platino e do guarani na linguagem gaúcha. A essas línguas acrescentam-se, ainda, as de origem africana.

Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (1984), no *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, assim definem a *linguagem gauchesca*:

LINGUAGEM GAUCHESCA, s. Português falado pelos gaúchos da zona pastoril do Rio Grande do Sul, ao qual se agregaram elementos uruguaio, argentinos, paraguaios, guaranis, tupis, quíchuas, araucanos, áfricos e de várias procedências (Nunes, Z.; Nunes, R.; 1984, p. 266).

Nessa mesma perspectiva, acrescenta Tatsch (2014):

A linguagem gauchesca traduz as marcas da identidade regional como construção simbólica de pertencimento. A formação identitária do gaúcho se vê representada na língua, nos seus mecanismos linguísticos e discursivos. A linguagem conta a própria história do gaúcho e define a sua identidade (Tatsch, 2014, p. 249).

Ademais, a linguagem gauchesca é registrada em dicionários regionalistas, como o *Coleção de Vocábulos na província do Rio Grande do Sul* (1852), de Antônio Álvares Pereira Coruja; o *Vocabulario sul rio-grandense* (1898), de Romaguera Corrêa; o *Vocabulário gaúcho* (1928), de Roque Callage; o *Vocabulário sul-rio-grandense* (1935), de Luiz Carlos de Moraes; o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* (1984), de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes, dentre outros. Esses instrumentos linguísticos passaram a ser referência aos estudos sobre a linguagem gauchesca, além de auxiliarem na manutenção dessa linguagem e da identidade gaúcha, registrando palavras e expressões características do povo sul-rio-grandense.

Para Sturza (2006), no século XIX, houve uma significativa produção intelectual e cultural no Rio Grande do Sul, incluindo a publicação de trabalhos na área do folclore e da Literatura. Essas manifestações efetuavam a manutenção de uma identidade regional, bem como traçavam “o perfil do gaúcho a partir de estudos sobre o seu comportamento social, suas posições políticas, suas tradições e seu modo de falar” (Sturza, 2006, p. 101). Callage faz parte dessa produção intelectual tanto no âmbito literário quanto no âmbito linguístico.

PRODUZINDO SABERES SOBRE INSTRUMENTOS LINGÜÍSTICOS À LUZ DA PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGÜÍSTICAS (HIL)

No que concerne à minha posição enquanto pesquisador, considero-me *estudioso de dicionários*⁴. Segundo Nunes (2010a), aqueles que estudam os dicionários como objetos discursivos têm um olhar diferenciado sobre esses instrumentos linguísticos⁵. Isso porque os estudiosos de dicionários consultam tais instrumentos com um olhar e com propósitos distintos daqueles de um “leitor comum”. Enquanto este consulta os dicionários com o propósito de sanar dúvidas acerca da significação e da ortografia das palavras, aquele concebe os dicionários como instrumentos linguísticos que estabelecem uma relação direta com a História. É inegável que os dicionários cumprem funções pedagógicas e, portanto, podem servir como objetos de consulta. No entanto, o estudioso de dicionários é capaz de realizar uma análise mais criteriosa e aprofundada deles, visto que os verbetes⁶ que neles constam apresentam sentidos constituídos de historicidade.

A análise científica de instrumentos linguísticos ganhou força com o advento da História das Ideias Linguísticas (HIL), domínio do conhecimento surgido na década de 1980, resultado de parcerias intelectuais entre pesquisadores brasileiros e franceses. Desde então, a HIL tem promovido estudos nos quais os instrumentos linguísticos são analisados a partir de sua relação com o histórico e com o político, bem como objetiva “difundir estudos sistemáticos que [toquem] a questão da história do conhecimento linguístico e da história da língua, articuladamente, explorando novas tecnologias de pesquisas” (Orlandi, 2001, p. 9). No que tange à produção nacional de gramáticas e de

⁴ Nunes (2010a, p. 6, grifo próprio) usa a expressão “estudioso *do* dicionário”. Opto, no entanto, em substituir a preposição *do* pela preposição *de*. A primeira preposição pode causar um efeito de sentido capaz de dar a entender que *do* se refere a um dicionário específico. Já a preposição *de* remete a mais de um dicionário e a mais de um tipo de dicionário, considerando-se que existem diferentes especificidades de dicionários: nacionais, regionalistas, de uso, de sinônimos, bilíngues etc.

⁵ Gramáticas e dicionários, de acordo com Auroux (2014, p. 65), são instrumentos linguísticos resultantes do processo de *gramatização*, “que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua”. Para o autor, gramáticas e dicionários são tecnologias da língua que compõem o saber metalinguístico. Desde o surgimento dessas tecnologias até os presentes dias, elas funcionam como pilares dos saberes produzidos acerca das línguas. Assim como a escrita, o advento da *gramatização* afetou significativamente a comunicação humana.

⁶ Por *verbetes*, entendo o registro de uma palavra em um dicionário. O verbete é composto por definições. Quando o verbete trata de um sujeito, as definições aclaram quem é esse sujeito e quais são os valores que se lhe são agregados. As definições podem ser em forma de enunciados que descrevem o sujeito em si e em forma de adjetivos. Em meu gesto de análise, refletirei sobre o ato de definir.

dicionários,

Observar a constituição destes instrumentos tecnológicos é tratar do modo como a sociedade brasileira constrói elementos de sua identidade. A produção de tecnologias é parte do modo como qualquer sociedade se constitui historicamente. E a produção tecnológica relacionada com a linguagem é, não há dúvida, lugar privilegiado de observação do modo como uma sociedade produz seu conhecimento relativamente à sua realidade (Guimarães; Orlandi, 1996, p. 9).

Já os dicionários regionalistas registram o modo de falar de habitantes de uma região específica. No caso dos *dicionários regionalistas* ou *dicionários de regionalismos* do Rio Grande do Sul, conforme refleti anteriormente, eles registram o falar coloquial dos gaúchos; falar esse que difere dos falares de outras regiões do Brasil e que é engendrado por palavras e por expressões características do estado. Nas palavras de Petri (2008, p. 229): “No caso específico de um dicionário de regionalismos, encontramos o ‘levantamento’ do que é próprio do popular, do domínio de um falante do ‘interior’ de um estado brasileiro”. Nessa perspectiva, Echevarria (2022) complementa:

São dicionários que marcam as distinções entre o regional e o nacional e fortalecem a diversidade linguística do país, que, por vezes, é excluída dos dicionários nacionais. Funcionam também como um lugar de manutenção das linguagens regionais, no qual esse sujeito “rústico” e “menos letrado” pode encontrar um registro de seu falar cotidiano, podendo, assim, reforçar seu sentimento de pertença a determinados lugares e sociedades (Echevarria, 2022, p. 44).

Nos dicionários regionalistas do Rio Grande do Sul, constam palavras que definem sujeitos característicos da sociedade sul-rio-grandense. Analisando essas definições, é possível saber qual posição um determinado sujeito ocupa na hierarquia social gaúcha. Poderia citar, aqui, muitos exemplos de palavras que nomeiam esses sujeitos. *Gaúcho*, *china*, *guri*, *morocha*, dentre outras palavras, por meio de suas definições em dicionários regionalistas, agregam valores morais aos sujeitos assim nomeados e evidenciam o modo como são vistos na sociedade do Rio Grande do Sul. *Vocabulário gaúcho*, ainda que seja um vocabulário e não um dicionário⁷, é estruturado de forma similar aos dicionários regionalistas do Rio Grande do Sul, pois apresenta

⁷ Echevarria (2016, p. 38-39) reflete sobre a diferença entre vocabulários e dicionários: “os vocabulários parecem ser uma lista descompromissada de palavras”, enquanto os dicionários são objetos discursivos e, ao mesmo tempo, objetos de consulta. No imaginário de muitos sujeitos, os dicionários seriam capazes de sanar todas as dúvidas acerca da língua.

definições de sujeitos que fazem parte da sociedade gaúcha.

Norteador teoricamente pela HIL, em minhas pesquisas desenvolvi uma metodologia que estabelece diálogos e articulações não somente com a História, mas também com a Antropologia, com os Estudos de gênero e com os Estudos de raça. Assim como a História está presente nas definições de verbetes, as questões de gênero e o modo como diferentes sociedades concebem o que é ser *homem* e/ou ser *mulher* atravessam os sentidos das palavras.

A REESCRITURAÇÃO DE *CHINAREDO*, *CHINAS* E *CHINOCAS*

Antes de apresentar os sentidos das palavras *chinaredo*, *chinas* e *chinocas*, convém refletir sobre três aspectos:

- a) **O conceito de linguagem e de enunciação:** para Benveniste (2005, p. 26), a “linguagem reproduz o mundo”, de modo que, por meio da linguagem, a sociedade se torna possível e os sujeitos que dela fazem parte se entendem como tais. Já a enunciação, “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2006, p. 82). Nesse ato, estão presentes o *locutor*, que designa a si mesmo como *eu*, enuncia para um *tu* e fala sobre uma *terceira pessoa*, o *ele* ou *não pessoa*. O ato de enunciar também pode ser um ato de estigmatizar sujeitos, pois, como é *na* e *pela* linguagem que o sujeito se reconhece como tal, ele é igualmente capaz de, por intermédio dela, depreciar outros sujeitos, agregando-lhes valores negativos. De acordo com Goffman (2019, p. 12), *estigma* é uma qualidade negativa agregada a um sujeito ou a um grupo de sujeitos, tornando-os “uma espécie menos desejável”. Os sujeitos estigmatizados são considerados maus, inferiores e anormais, de maneira que esse julgamento se materializa na linguagem.
- b) **O ato de definir sujeitos em dicionários:** definir sujeitos via verbetes é atribuir-lhes significações que podem ser positivas ou não. Por um lado, os valores agregados a um determinado sujeito podem ser positivos, sendo constituídos por adjetivos que exaltam suas qualidades e que o colocam acima de outros sujeitos em uma determinada hierarquia social. Por outro lado, as definições compostas por adjetivos negativos indicam o modo depreciativo

como certos sujeitos são vistos na sociedade. A esse respeito, Nunes (2010b, p. 47) afirma que as definições nas quais constam valores negativos funcionam como “índice[s] de uma visão moral ou de uma discursividade crítica”. Nesse contexto, é importante observar como as palavras são *generificadas*⁸, isto é, como são atravessadas não somente pela História, mas também por questões de *gênero*, o qual, para Butler (2003, p. 24), é algo “culturalmente construído”. Portanto, as construções culturais e sociais acerca do que é ser *homem* ou da condição de ser *mulher* são processos nunca totalmente finalizados ou estáticos, uma vez que estão passíveis de mudanças de acordo com a época e com a sociedade em que se encontram.

- c) **O conceito de reescrituração:** trata-se de um processo que, conforme Guimarães (2018, p. 90), “liga pontos de um texto com outros do mesmo texto, e mesmo pontos de um texto com pontos de outro texto”. Dentro de um mesmo texto ou enunciado, uma palavra vai sendo reescriturada por outra(s), de forma que “podemos dizer que o sistema de *reescrituração* consiste em se redizer o que já foi dito. Ou seja, uma expressão linguística se reporta a uma outra por algum procedimento que as relaciona no texto integrado pelos enunciados em que ambas estão” (Guimarães, 2009, p. 53). Com base nos apontamentos do autor, quando uma palavra é reescriturada por outras, estabelecem-se relações semânticas entre elas. Uma palavra como *homem*, por exemplo, pode ser reescriturada pelo pronome pessoal *ele* ou por sua profissão: *professor* ou *advogado*, *administrador* ou *jornalista* etc. É o que acontece com as palavras *chinaredo*, *chinas* e *chinocas* no conto “Divertidos”, como buscarei mostrar a seguir, no gesto de análise.

A ênfase desse gesto reside nas palavras *chinaredo*, *chinas* e *chinocas* e no modo como essas palavras vão sendo reescrituradas de outras formas no conto. A seguir, apresento uma sequência enunciativa recortada de “Divertidos”, no qual a palavra *chinaredo* aparece pela primeira vez:

⁸ Segundo Moschkovich (2016), *generificado(a)* é uma tradução da palavra inglesa *gendered*. Embora ainda não registrada em dicionários de língua portuguesa, o termo *generificado(a)* tem sido usado com frequência por autores brasileiros que traduzem textos sobre gênero.

Tabela 1 – Ocorrência da palavra *chinaredo*:

SE1: Àquela tarde, o fandango ia tomar um caráter de grande festa, não faltando o <i>chinaredo</i> vizinho, muchachas experimentadas nos balaíos do sul [...] (Callage, 2000 [1914], p. 53, grifo próprio).

Fonte: Elaboração própria.

É importante destacar que *chinaredo* funciona como coletivo da palavra *china*, e *chinas* e *chinocas* funcionam como plural dessa mesma palavra, contendo *chin* como radical em comum. As definições de *china*, *chinaredo* e *chinocas* recortadas do *Vocabulário gaúcho* são as seguintes:

Tabela 2 – Definições de *china*, *chinaredo* e *chinocas*:

China , s. mulher de índio; mulher de côr morena carregada; mulher publica ⁹ . (Callage, 1928 [1926], p. 42).
Chinaredo , s. o mesmo que <i>chinarada</i> ¹⁰ . (Callage, 1928 [1926], p. 42).
Chinóca , s. o mesmo que <i>chininha</i> ¹¹ . (Callage, 1928 [1926], p. 42).

Fonte: Elaboração própria.

Essas definições evidenciam que *china* e suas variações no coletivo *chinaredo* e na variação *chinoca* remetem às mulheres indígenas e de vida pública, ou seja, sua etnia e um certo valor moral constam nos significados atribuídos a esses verbetes. Por sua vez, *chinaredo* funciona como coletivo de *china*: grande número de *chinas*. Já *chinoca*, sinônimo de *chininha*, é a *china* ainda menina.

Quanto à questão da etnia, em diálogo com os trabalhos de alguns historiadores, cabe recordar certos estereótipos relacionados às mulheres indígenas. Tais estereótipos provêm do período de colonização do Brasil, no qual, para Del Priore (2014), europeus, ao chegarem às terras brasileiras, chocaram-se com a nudez das indígenas. Houve, nesse caso, um contraste de valores: de um lado, os colonizadores com suas crenças e com seus preconceitos oriundos da Europa; de outro lado, essas mulheres que andavam nuas e vivenciavam sua sexualidade de um outro modo, que destoava das práticas sociais europeias. Não tardou muito para que as mulheres indígenas brasileiras fossem associadas à prostituição e a valores depreciativos.

No Rio Grande do Sul, como apontam os relatos de Saint-Hilaire (1987) durante sua passagem pelo estado no século XIX, as mulheres da etnia guarani envolviam-se com

⁹ Opto por manter a ortografia que consta na obra consultada.

¹⁰ “**Chinarada**, subs. grande número de *chinas*” (Callage, 1928, p. 42).

¹¹ “**Chininha**, subs. filha da *china* caboclinha, *china* ainda menina – *chinóquinha*” (Callage, 1928, p. 42).

homens que estavam de passagem pelo território gaúcho. Transitavam nuas por determinados espaços e eram frequentemente prostituídas por seus maridos, de forma que, conforme o autor, a prostituição era o principal destino dessas mulheres. A palavra *china*, segundo Brum (2010), é oriunda da língua espanhola, na qual significa *chinesa*. No século XIX, considerava-se que as mulheres indígenas eram semelhantes às chinesas nas feições e na cor do cabelo. Daí originou-se a palavra *china*, que passou a designar de forma depreciativa as mulheres associadas à prostituição no Rio Grande do Sul.

A seguir, apresento os outros dois recortes onde aparecem as palavras *chinás* e *chinocas*:

Tabela 3 – Ocorrência da palavra *chinás*:

SE2: Formavam todos uma mescla compacta de brancos, caboclos e <i>chinás</i> [...] (Callage, 2000 [1914], p. 54, grifo próprio).
--

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4 – Ocorrência da palavra *chinocas*:

SE3: <i>Chinocas</i> , de risos à flor dos lábios, avançavam nos guascas quebradas, aos abraços e pulos, agoniadas pelos primeiros vapores eróticos das bebidas (Callage, 2000 [1914], p. 55, grifo próprio).

Fonte: Elaboração própria.

Nas três sequências enunciativas recortadas de “Divertidos”, é perceptível que o *chinaredo* e as *chinás/chinocas* aparecem na condição de amantes passageiras, estando à disposição dos peões para danças ou envolvimento. Quanto à *china*, conforme Leal (2021, p. 64), “quando o termo é usado pelos gaúchos, *china* significa prostituta, e *chinaredo* são áreas de casas de prostituição em pequenas cidades ou povoados”. No conto, as *chinás* aparentam ter uma “vida pública”, de maneira que o seu comportamento destoa do das prendas e as coloca em uma posição diferenciada.

Acerca do processo de *reescrituração*, ao longo do conto, as palavras *chinaredo*, *chinás* e *chinocas* vão sendo reescrituradas de outros modos, conforme mostra a Tabela 5:

Tabela 5 – Reescrituras de *chinaredo*, *chinas* e *chinocas* no conto “Divertidos”:

Muchachas experimentadas nos balaios do sul (Callage, 2000 [1914], p. 53)
Mulheres (Callage, 2000 [1914], p. 55; p. 57)
Morochas altaneiras (Callage, 2000 [1914], p. 56)
Mulherio (Callage, 2000 [1914], p. 56)
Eguada linda (Callage, 2000 [1914], p. 56)
Morenas (Callage, 2000 [1914], p. 56)
Chinoquinhas (Callage, 2000 [1914], p. 57)
Companheiras (Callage, 2000 [1914], p. 58)

Fonte: Elaboração própria.

Por meio das análises realizadas neste trabalho, é possível observar que *chinaredo* é rescriturado, inicialmente, por *chinas*; na sequência, por *chinocas*; em seguida, pelas palavras apresentadas no quadro 1. Nota-se, assim, o modo como “a reescrituração apresenta uma palavra ou expressão como tendo o mesmo sentido que a outra à qual se liga” (Guimarães, 2009, p. 55). *Chinaredo*, coletivo de *chinas*, vai sendo rescriturado por outras palavras que também estão no plural e dão a ideia de um grupo de mulheres. Formou-se, dessa maneira, um campo semântico de valor depreciativo em relação a essas mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda materialidade linguística e/ou literária é produzida em um determinado contexto sócio-histórico e cultural. No caso de *Terra gaúcha*, o contexto é o Rio Grande do Sul, com sua geografia particular, com sua história e com todos os elementos que moldam a identidade gaúcha. Cabe ressaltar que essa obra foi realizada em um período produtivo no que se refere aos estudos e às produções intelectuais que buscavam resgatar e resguardar a identidade sul-rio-grandense. Além disso, *Terra gaúcha* foi produzida por um autor que se dedicou aos estudos da cultura e do léxico gaúchos. Em *Vocabulário gaúcho*, Callage registrou palavras e expressões características do falar dos habitantes do interior do Rio Grande do Sul. No conto “Divertidos”, observei algumas dessas palavras, tais como *chinaredo*, *chinas* e *chinocas*, funcionando na produção literária do escritor e jornalista.

“Divertidos” é um conto que se passa em um espaço essencialmente masculino;

consequentemente, o protagonismo também o é. As mulheres nomeadas *chinas* e/ou *chinocas* aparecem como personagens secundárias. São sujeitos subalternos e ocupam uma posição hierárquica inferior à do homem gaúcho. Elas se encontram em um espaço dominado por homens, com os quais estabelecem relações que demonstram apenas uma atração sexual, sem nenhum vínculo afetivo. Tal descrição dá indícios da estrutura social gaúcha do início do século XX, na qual, como em todas as sociedades, existem hierarquias e hegemonias, em que, muitas vezes, homens ocupam uma posição privilegiada em comparação às mulheres.

Muitos são os aspectos que podem ser observados e analisados no conto. Palavras e expressões tanto da língua espanhola quanto da linguagem gauchesca se fazem presentes em “Divertidos”, com vistas à manutenção da identidade gaúcha. A virilidade e a bravura, características associadas aos homens gaúchos, aparecem no comportamento dos peões, que não demonstram medo perante uma “peleia”. No gesto analítico, além da análise das palavras *chinaredo*, *chinas* e *chinocas*, refleti sobre a linguagem enquanto ferramenta de exclusão e de estigmatização de sujeitos. A *reescrituração*, como dispositivo analítico, permitiu-me analisar a relação semântica de valor negativo que as palavras podem estabelecer entre elas no interior de um mesmo enunciado ou de uma obra literária, como é o caso do conto “Divertidos”.

Para finalizar, afirmo, com Nunes (2010c, p. 165), que, “enquanto houver sociedade e história, sempre haverá outras palavras a identificar, descrever e dicionarizar”. A citação do autor vai ao encontro da proposta deste estudo e se ajusta ao gesto de conclusão. Uma vez que as palavras são constituídas de historicidade, analisá-las demanda um trabalho interdisciplinar. Para tanto, como já discuti, o estudioso de dicionários articula-se a outros campos do saber, tais como a História e os Estudos de gênero. Além dessa articulação, no presente trabalho, a Linguística e a Literatura estabeleceram um profícuo diálogo, no qual refleti sobre como as palavras que fazem parte de uma linguagem dita gauchesca são elementos constituintes da identidade sul-riograndense e, por consequência, circulam em obras literárias e em dicionários regionalistas do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José. *O gaúcho*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- CALLAGE, Roque. *Terra gaúcha: cenas da vida rio-grandense*. Santa Maria: UFSM, 2000.
- CALLAGE, Roque. *Vocabulario gaúcho*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1928.
- CONNEL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.
- BRUM, Ceres Karam. Indumentária gaúcha: uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das pilchas. In: OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice; BRUM, Ceres Karam (ed.). *Expressões da cultura gaúcha*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010, p. 65-96.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
- ECHEVARRIA, Felipe Rodrigues. *As palavras e a enunciação: a china, a machorra e a morocha no Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. 2022. 222f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2022.
- ECHEVARRIA, Felipe Rodrigues. *Designações de sujeitos na obra Vocabulario gaúcho de Roque Callage*. 2013. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Artes e Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2016.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- GUIMARÃES, Eduardo. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68, jan./jun. 2009.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua e Cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

GUTFREIND, Ieda. A historiografia sul-rio-grandense e o mito do gaúcho brasileiro. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (ed.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, p. 148-152.

HOHLFEDLT, Antonio. Rio Grande do Sul: a fronteira como debate. In: BOEIRA, Nelson (ed.). *Rio Grande em debate: conservadorismo e mudança*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 101-108.

LAYTANO, Dante. *O linguajar do gaúcho brasileiro*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brades, 1981.

LEAL, Ondina Fachel. *Os gaúchos: cultura e identidades masculinas no pampa*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2021.

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, Maria Helena (ed.). *Fronteiras Culturais – Brasil – Uruguai – Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (ed.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 239-267.

MARCHIORI, José Newton Cardoso. Roque Callage: autor e obra. In: CALLAGE, Roque (ed.). *Terra gaúcha: cenas da vida rio-grandense*. Santa Maria: UFSM, 2000, p. 9-15.

MOSCHKOVICH, Marília. Traduzir Raewyn Connel. In: RAEWYN, Connel (ed.). *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016, p. 11-15.

MURARI, Luciana. “O gênio tumultuário da raça”: guerra e política no discurso histórico-literário de Roque Callage. *Letras*, Santa Maria, v. 19, n. 1, p. 131-52, jan./jul. 2009.

NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista de Letras*, Taguatinga, v. 3, n. 1/2, p. 06-21, set. 2010a.

NUNES, José Horta. Espaço urbano, sujeito e dicionário: definição e formas do silêncio. *Fragmentum*, Santa Maria, Laboratório Corpus, n. 26, p. 45-54, jul./set. 2010b.

NUNES, José Horta. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, E; ZOPPI-FONTANA, M. (ed.). *Introdução às Ciências da Linguagem: a palavra e a frase*. Campinas: Pontes, 2010c, p. 147-172.

NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins livreiro, 1984.

OLIVEN, Ruben George. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (ed.). *Negros no sul: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas, 1996, p. 13-32.

OLIVEN, Ruben George. O renascimento do gauchismo. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto (ed.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, p. 77-80.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *História das ideias linguísticas: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. São Paulo: Pontes, 2001.

PERIN, Henrique. Porto Alegre e suas representações sociais na coluna A Cidade de Roque Callage. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 1-15, jul./dez. 2019.

PETRI, Verli. A produção de efeitos de sentidos nas relações entre língua e sujeito: um estudo discursivo da dicionarização do “gaúcho”. *Letras*, Santa Maria, v. 18, n. 2, p. 227-243, jul./dez. 2008.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

SILVA, Juremir Machado. Mínimo denominador comum gaúcho. In: BOEIRA, Nelson (ed.). *Rio Grande em debate: conservadorismo e mudança*. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 7-10.

STURZA, Eliana Rosa. Vocabulário sul-rio-grandense: De Instrumento Linguístico à Constituição de um Discurso Fundador. *Letras e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 9, n. 18, p. 101- 121, jul./dez. 2006.

TATSCH, Juliane. O discurso regional na constituição da identidade do Gaúcho. *Revista Escrita*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 243-253, 2014.

TEIXEIRA, Sérgio Alves. *Os recados das festas: representações e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1988.

TREVISAN, João Silvério. *Seis balas num buraco só: a crise do masculino*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Recebido em: 26/05/2024

Aceito em: 28/06/2024

Felipe Rodrigues Echevarria: Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ). Doutor e mestre em estudos Linguísticos pela UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Graduado em Comunicação Social - Habilitação Publicidade e Propaganda pela UNICRUZ - Universidade de Cruz Alta (2011) e graduando do curso de Letras - Licenciatura - Habilitação Espanhol e Literaturas da Língua Espanhola da UFSM. No ano de 2015, durante um semestre, participou de um programa de intercâmbio na Colômbia, na Universidade Uniminuto - Corporación Universitaria Minuto de Dios, onde era graduando do curso de Licenciatura en Educación Basica con Enfasis en Humanidades y Lengua Castellana e ministrava um curso básico de Português para falantes de espanhol. Em sua trajetória como pós-graduando, vem realizando trabalhos e pesquisas vinculados aos Estudos Enunciativos e à História das Ideias Linguísticas.